

# Dornbusch diz que Brasil pode repetir México

Roberto Faustino — 22/5/96

■ Economista que antecipou desastre de 94 faz alerta sobre política econômica

BLOOMBERG BUSINESS NEWS \*

SIDNEI — O Brasil está se arriscando a viver um colapso financeiro como o do México e deve desvalorizar sua moeda se quiser evitar a crise, disse, ontem, Rudiger Dornbusch, ex-conselheiro do presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton.

Os comentários do professor de Economia do Instituto Tecnológico de Massachusetts ajudaram a provocar uma pequena queda nas bolsas brasileiras. A de São Paulo fechou em baixa de 1,62% e a do Rio de Janeiro caiu 0,93%. A principal razão, no entanto, foi a elevação de 7,01% nos juros dos títulos de 30 anos do Tesouro americano.

“O Brasil está caminhando na contramão, na expectativa de que nunca haverá ninguém nessa faixa”, disse Dornbusch em uma entrevista coletiva durante a Conferência Monetária Internacional, que se realiza nesta cidade. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse, por sua vez, que não participará de debates com Dornbusch. “O grau de novidade no que ele diz é zero”, reproduziu a assessoria de imprensa do ministro aos repórteres que o procuraram.

Mas os meios financeiros internacionais não reagiram da mesma forma. Para eles, as palavras do economista têm peso, porque ele havia dito o mesmo sobre o México, no início de 1994 (o país quebrou em dezembro desse ano). Além disso, foi casado com a economista brasileira Eliana Cardoso, atual secretária do Escritório de Assuntos Externos do Ministério da Fazenda.

**Juros altos** — Dornbusch disse que estava preocupado com a política de juros altos para financiar os gastos públicos, que atraem capitais externos que podem sair do país tão rapidamente quanto entraram, provocando um desequilíbrio das contas internacionais. “Por que o dinheiro está indo para lá? Eu diria que o capital estrangeiro no Brasil não estacionou lá, apenas parou no acostamento com o motor ligado”, disse Dornbusch para os investidores estrangeiros. “Espero que o país encontre ventos favoráveis para dar início à retomada para o desenvolvimento, antes que algum problema aconteça”.

Uma desvalorização desastrosa e apressada do peso mexicano provocou uma fuga em massa de

capitais daquele país, aprofundando a crise financeira, que espalhou seus efeitos por toda a América Latina. No caso do Brasil, diz Dornbusch, o real está sendo mantido artificialmente alto para estimular importações e manter os preços internos baixos. “O problema é que essa política reduz o crescimento”.

**Inflação** — O real, lançado em julho de 1994, é a espinha dorsal do plano antiinflacionário do presidente Fernando Henrique Cardoso. Desde então, a inflação caiu de 2.500%, em 1993, para cerca de 20%, ao ano.

As altas taxas de juros, por sua vez, elevaram as reservas internacionais do Brasil, com as quais o Banco Central mantém o controle sobre a taxa de câmbio em mais de 44% desde que o real foi lançado. O crescimento econômico, no entanto, está na faixa de 3%. “Muito pouco para um país em desenvolvimento”, diz o economista. “Nunca se deu muita atenção à política cambial no Brasil”.

A ausência de fatos de maior relevância no panorama nacional também contribuiu para que as bolsas fechassem em queda. O mercado está na expectativa do discurso de posse do deputado federal Antônio Kandir (PSDB-SP), que hoje assume o Ministério do Planejamento, no lugar do senador José Serra (PSDB-SP), que vai disputar a prefeitura de São Paulo.

**Luz amarela** — Quanto aos juros do Tesouro dos EUA, quando ele ultrapasa os 7% a luz amarela dos analistas do mercado se acende, principalmente porque a economia americana está aquecida e a pressão inflacionária começa a dar sinal de vida. Outro fator para ser levado em conta é o fato de o Banco Central ter indicado ontem que a taxa de juros efetiva do mês de junho deve ficar em torno de 1,95%, pouco acima das projeções feitas no mercado de futuros, de 1,92%.

Essa taxa foi confirmada pelo BC depois de três intervenções. Na primeira foram vendidos títulos públicos para o dia 12 de junho pela taxa de over de 3,07%. Em seguida, o BC vendeu títulos com vencimento em 5 de junho, pela taxa de 3,05%. Para confirmar a projeção dos juros para o mês, tomou recursos até o dia 7 de junho pela mesma taxa.

\* Colaborou Sucursal de São Paulo



“O Brasil está caminhando na contramão na expectativa de que nunca haverá ninguém nessa faixa. Eu diria que o capital estrangeiro no Brasil não estacionou lá, apenas parou no acostamento com o motor ligado”

Rudiger Dornbusch